

MODELOS ASSISTENCIAIS BRASILEIROS

A hegemonia do modelo médico-assistencial privatista no Brasil, cujas características são centradas no individualismo, no biologicismo, no curativismo, no consumismo de procedimentos e medicamentos, torna o processo saúde-doença como mercadoria, na centralidade do médico, na medicalização dos problemas, na especialização, na medicina liberal focada em consultórios, hospitais e na medicina previdenciária.

Tais elementos dificultam a reorientação do processo de trabalho e das práticas em equipe, bem como a organização de redes de atenção à saúde. Além disso, há os grandes entraves referentes à influência do setor privado no SUS.

Historicamente, as políticas de saúde estimularam o setor privado no Brasil e promoveram a privatização da atenção à saúde, seja por meio de credenciamento de consultórios médicos, seja pela remuneração e criação de clínicas diagnósticas e terapêuticas especializadas e hospitais, ou ainda mediante incentivos às empresas de planos e seguros de saúde.

A organização do processo de prestação de serviços, tanto públicos quanto privados, ao longo do tempo, reproduz o modelo médico-assistencial hospitalocêntrico e privatista, ainda que convivesse com o modelo sanitarista e, mesmo na rede pública, grande parte da rede assistencial era composta por serviços privados contratados e conveniados.

